

Sílvia Lane - a psicóloga da ação política

“Identifico-me com a humanidade como um todo. O que puder fazer em termos de humanidade, estou lá.....se tudo o que se faz em função de um bem comum é religioso, eu sou religiosa”.
(Lane)

Introdução:

Sílvia é a mais importante teórica da Psicologia Social brasileira. Suas ações e reflexões marcaram essa ciência, elevando-a a sua mais alta função: a de práxis científica engajada ética e esteticamente com a luta contra todas as formas de exclusão social. Porém, não fez dela a redenção ou a panacéia dos males sociais, mas a entrelaçou à Filosofia e à Sociologia, construindo, a partir de pesquisas sobre a realidade nacional, um referencial teórico-metodológico crítico e interdisciplinar capaz de superar a cisão entre objetividade e subjetividade e entre homem e sociedade.

A psicóloga da ação política não só criou um corpo teórico-metodológico como também tirou a Psicologia Social brasileira do anonimato internacional, dando-lhe visibilidade. O sólido conjunto de idéias que construiu é conhecido fora do Brasil como “A Escola Crítica de São Paulo”, a qual, junto com a teoria da libertação de Martin Baró, é louvada como núcleo central da Psicologia latino-americana, combativa das ditaduras que grassaram nesse continente nas décadas de 70 e 80. Seus textos são referências obrigatórias em boa parte dos cursos de psicologia dos países de língua espanhola e do Brasil, tanto que, em julho de 2001, durante o XXVII Congresso Interamericano de Psicologia, a mestra foi agraciada com o prêmio outorgado pela SIPI, Sociedade Interamericana de Psicologia, aos pesquisadores mais importantes da Psicologia Latino Americana.

Cabe ressaltar que, paradoxalmente, Sílvia não é psicóloga. Filósofa de formação teve a solicitação de reconhecimento de seu título de psicóloga recusado, logo que essa profissão foi regulamentada (meados da década de 60) e o MEC passou a avaliar as primeiras solicitações de registro profissional na área. Conforme afirmou Sílvia, “na época, só conseguia o registro quem aplicava o RAVEN e fazia terapia. Para eles, pesquisador não era psicólogo. Isso valeu para me definir como professora de psicologia e ponto e assumir que não queria exercer a profissão de psicólogo, tida exclusivamente como clínica e aplicação de testes”. (Lane, 2000a:5)

O mais importante é que Sílvia viveu em total acordo com os valores éticos que estão presentes em sua teoria: dignidade pessoal, compaixão e amizade nas relações, vocação ética indestrutível, independência de pensamento, compromisso social e intransigência com injustiças e privilégios. Por tudo isso foi tão admirada em vida: uma admiração que atravessa gerações de psicólogos. Nos encontros científicos, ela era assediada por jovens estudantes emocionados, querendo tirar fotos ao seu lado e obter sua dedicatória. Muitos iam aos eventos apenas para conhece-la e ouvi-la. Carismática, empolgava o auditório com suas aulas e palestras, que se tornavam lugares de criação coletiva, em que se era instigado a refletir a respeito de si e do outro, enquanto se

discutia psicologia, filosofia e política. Enfim, nos encontros com Sílvia todos se deixavam afetar pela alegria (dos sábios, como diria Espinosa) que ela sentia de estar com estudantes e pesquisadores.

Outra qualidade de Sílvia, coerente com seus princípios é a formação de seguidores e de colaboradores. Sempre delegou responsabilidades, partilhou generosamente co-autorias e facilitou a criação de novos núcleos de pesquisa a partir do seu. Formou doutores que atuam em universidades de todas as regiões do país. Essa capacidade de somar e dividir possibilitou a emergência de um grupo de pesquisadores de qualidade, que está produzindo trabalhos científicos, atuando em cursos de Pós-graduação, em Associações Científicas como a ABRAPSO (nacional e regional) e no Conselho Federal de Psicologia.

Este é o “estilo laneano”, uma forma de vibrar em comum, de trabalhar artesanalmente a teoria, de criar bons encontros, dos quais ninguém sai o mesmo.

.Seus textos são sintéticos e elegantes, instigadores e claros, complexos mas recheados de imagens e exemplos esclarecedores.

Biografia

Sílvia nasceu em 03 de fevereiro de 1933, na cidade de São Paulo. Filha única, cresceu no seio de uma família de tradição luterana, que, na vida privada, só falava o alemão, até o dia em que Sílvia, quando tinha sete anos, sabendo das hostilidades sofridas pelos alemães no Brasil no final da segunda guerra, propôs aos pais que falassem português, pelo menos na presença de pessoas estranhas. Insistiu na necessidade de sua mãe aprender a língua da terra e foi atendida.

A mestra psicóloga considerava um privilégio pertencer a sua família, que, além do carinho, lhe proporcionou um clima de interesse permanente por conhecimento e independência de pensamento.

Seu pai, Wilie, formado em Física e Matemática pelo Mackenzie, era um estudioso avesso a ortodoxias e não praticava nenhuma religião, embora lesse sempre a bíblia e a discutisse com o irmão, Henrique, professor de Filologia Românica, na USP. Esse tio também era teólogo e pastor presbiteriano, porém não concordando com a crença da existência do diabo, fundara uma seita dissidente, pois “se Deus criador do universo é amor, como, com sua onipotência, poderia admitir a criação do Mal?” A convivência com o tio possibilitou-lhe discussões abertas sobre religião, filologia e outros assuntos, com a participação do pai, sempre pronto para esclarecer e trocar idéias com a filha.

Ambos fundaram, junto com Lívio Teixeira, a Fac de Ciências e Letras do Mackenzie e um dos colégios paulistanos mais respeitados da época - Ginásio Saldanha da Gama - onde Sílvia estudou após a conclusão do primário no Mackenzie. Concluído o ensino médio, fez o curso técnico de secretariado nessa mesma instituição, preocupada em ter uma formação profissional para tornar-se auto-suficiente; profissão que exerceu durante o ano de 1952. Refletiu muito sobre qual faculdade cursar, tinha interesse em neurologia e em arquitetura, porém, quando se deparou com o currículo de Filosofia, concluiu que ali estava tudo o que lhe interessava estudar: psicologia, ética, estética, história da filosofia. Enfrentou o difícil vestibular da USP, e, tendo sido aprovada, iniciou o curso em 1952. Esse era dividido, igualmente, em disciplinas de filosofia e de psicologia. Havia uma certa rixa entre psicólogos e filósofos, ficando os alunos entre os dois blocos. Quase todas as leituras de Filosofia

eram em francês, e as de Psicologia, em inglês. Sílvia orgulhava-se dos excelentes professores de psicologia que teve: Carolina Bori, Gilda Melo e Souza, Antonio Cândido, Dante Moreira Leite, Joel Martins e Anita Castilho Cabral. Também enaltecia a importância dos professores de filosofia na sua formação como Cruz Costa e Lívio Teixeira. A questão da ideologia, um dos focos de maior interesse de suas pesquisas, começou a preocupar Sílvia durante o curso, instigada por esses professores. “Os filósofos quando viam a gente interessar-se por psicologia, diziam: o que você vão fazer nessa ciência ideológica? Eu pensava: ideológica por que? Isso ficou mexendo comigo por muito tempo”(Lane, 2000a:5), motivando-a a buscar uma Psicologia que não fosse ideológica.

A época era da ditadura Vargas, e havia sempre alguém do DOPS no Grêmio da Faculdade, o que não impediu a participação ativa de Sílvia no mesmo, como tesoureira.

No plano acadêmico, seu desempenho impressionou os professores de Psicologia que, planejando tê-la como assistente, depois de formada, ofereceram-lhe uma bolsa de estudos nos Estados Unidos, que ela só aceitou depois de muito refletir. O currículo de Sílvia foi aceito no Wellesley College, considerado na época um dos sete melhores colégios femininos do país, onde estudou de setembro de 1955 a julho do ano seguinte. Ao final do curso, Sílvia foi convidada para continuar os estudos em nível de mestrado, mas não aceitou, pensando que lá ela seria apenas uma a mais, enquanto que no Brasil tinha muita coisa para aprender e fazer. De volta à USP, formou-se no final de 56, quando já estava trabalhando, à convite do prof Joel Martins, no Centro Regional de Pesquisas Educacionais, vinculado ao Ministério da Educação, cujo diretor era o educador Anísio Teixeira. O Centro constava de duas áreas, o de Educação, onde Sílvia atuava, e o de Sociologia, com Perseu Abramo, e Fernando Henrique Cardoso entre outros que tinha como objetivo reformular todo o ensino no país.

Em 1962, Sílvia casa-se com Fred Lane, filho de Frederico Lane, naturalista e entomologista de renome internacional, com passagem pelo Museu Britânico e pelo Museu de História Natural de Nova Iorque. Ela, que não tinha nenhuma experiência em atividades domésticas, achou difícil manter um compromisso profissional em tempo integral como vinha fazendo e, ao mesmo tempo, assumir a nova situação de dona de casa. Como andava descontente no Centro, devido ao autoritarismo do seu diretor, resolveu usar as responsabilidades do casamento como justificativa para pedir demissão, mantendo apenas as aulas de Psicologia Geral, que ministrava, desde 1957, para auxiliares de enfermagem na Cruz Vermelha, até mudar-se com o marido para Campinas.

Na nova cidade, frequentou cursos do Prof. Enzo Azzi, na PUCAMP, e deu aulas de natação como voluntária em um centro esportivo de bairro de periferia. Sílvia nadava muito bem, chegando a ter sonhado, na adolescência, ser campeã de natação. Interrompe esta atividade ao nascer sua primeira filha - Lilian - em 1964.

Voltando a São Paulo, nesse mesmo ano, e querendo retomar o trabalho, Sílvia procura a antiga professora Carolina Bori, que lhe cedeu as aulas que ministrava na Escola de Enfermagem da USP. E, em 1965, indicada pela Profa. Maria do Carmo Guedes, sua colega de faculdade, a futura “psicóloga da ação política” começa a dar aulas de Psicologia Social e Personalidade no curso de Psicologia da PUC-SP. Paralelamente, passa a atuar no “Instituto de Psicologia” dessa mesma Universidade convidada por Aniela Ginsberg, como pesquisadora do laboratório de Psicologia Experimental, onde as pesquisas de Psicologia Social eram realizadas. Esse Instituto, que já existia desde 1949, foi organizado pelo Dr. Enzo Azzi para oferecer aos diplomados em

Filosofia, Educação e Pedagogia a formação de especialista nas áreas da Psicologia do Trabalho, da Clínica e da Educação.

A Psicologia Social, quando Sílvia iniciou no magistério, era basicamente a reprodução da norte-americana e da francesa, sendo que o único livro traduzido para o português era o do Otto Kleineberg. Sílvia traduziu outros textos e procurou dar um viés mais crítico ao curso, propondo, aos colegas de departamento, a realização de pesquisas e, aos alunos, de pequenas entrevistas com pessoas na rua e análises de histórias em quadrinhos, para que pudessem, munidos dessas práticas, discutir a parte teórica. Começava, assim, o seu plano ambicioso de criar uma Psicologia exclusivamente social e voltada á realidade brasileira.

“A psicologia Social no Brasil era um “zero a esquerda”, não interferia em nada, não ajudava em nada, quer dizer, era um saber que estava lá, que partia das teorias americanas para explicar a realidade brasileira. Era preciso compreender como o latino americano singulariza o universal na constituição particular de sua existência”, (Lane 2000a)

Durante 69 e 70, Sílvia participou da organização da Faculdade de Psicologia da PUC-SP, resultado da fusão do curso em que era professora com o da Fac. Sedes Sapientie, ligado à Ordem das Cônegas de Santo Agostinho; ao mesmo tempo, em que ocorria a desativação do Instituto de Psicologia no qual trabalhava. Foi a primeira diretora da nova Faculdade, de 1971 a 1974, onde prosseguiu sua carreira de professora de Psicologia Social.

Com a extinção do Instituto, Aniela Ginsberg e Sílvia Lane, preocupadas com a continuidade das pesquisas, agora atribuição dos departamentos que estavam muito envolvidos com a graduação, tiveram a idéia de criar, em 1971, a pós-graduação em Psicologia Social, que começou a funcionar em 72. Conseguiram, por meio da Fullbright, a vinda de três professores dos Estados Unidos, sendo um deles o Prof. Karl Scheibe, que participou do referido programa durante dois anos, mantendo-se como colaborador, até hoje.

Ainda em 1972, Sílvia defendeu sua tese, sendo a quarta aluna a se formar no Programa de Doutorado em Psicologia da PUCSP. Não se tratava propriamente de um curso de pós-graduação: apresentava-se um trabalho elaborado sob a supervisão de um orientador, que sugeria algumas disciplinas, estudos e atividades paralelas complementares. Sílvia realizou, entre outras atividades, entrevistas com um semiólogo americano especialista em Chomsky: leu muito sobre as teorias desse lingüista, com as quais não conseguiu concordar. Nessa ocasião, ficou bem evidente para ela, que seu grande interesse nessa área não era semiologia e sim psicologia da linguagem.

Sua tese, “O Significado Psicológico nas Palavras”, foi elaborada de 67 a 72, período em que não tinha tempo disponível para estudar devido aos compromissos profissionais, juntamente com os de mãe de quatro filhos pequenos. Depois de Ingrid vieram: Lílian, Guilherme e o caçula, Eduardo, que nasceu em 71. No primeiro semestre de 72, defendeu a sua tese para uma banca de peso: Dante Moreira Leite, Carolina Bori, Joel Martins, Carmen Junqueira e a orientadora, Aniela Ginsberg. Houve discussões acaloradas, por exemplo, quando Carmen Junqueira discordou da classificação de “grupos sociais” usada na pesquisa, a funcionalista, que era a adotada em Psicologia na época, em lugar da classificação marxista, a mais adequada segundo a examinadora, no que foi contestada pelos psicólogos da banca. Joel Martins provocou Sílvia, observando que ela trabalhara na

pesquisa com Osgood mas estava “namorando” Skinner. Concordando, Sílvia confessou que, apesar de utilizar a escala de diferencial semântico, por considerá-la um instrumento preciso, considerava a comportamento verbal de Skinner mais consistente e com a possibilidade de abrir a Psicologia ao materialismo, embora se tratasse de um materialismo mais interessado no organismo do que no social e com uma visão histórica linear, não dialética. Sílvia nunca se considerou skinneriana, mas a materialidade daquela teoria a atraía muito, e facilitou-lhe o entendimento da Psicologia Social Soviética.

No setor de Pós-graduação, continuou a realizar o que havia iniciado na graduação, a construção de uma ciência psicológica voltada às necessidades do homem brasileiro e latino-americano e a transformação da sala de aula em local onde os alunos faziam leituras críticas das teorias clássicas e contemporâneas, num confronto permanente com a realidade social, a partir de pesquisas. Coordenou o Programa de Pós-graduação em Psicologia Social de 77 a 82 e de 87 a 89 e, nos períodos de 75 a 77 e de 98 a 99, foi a sua vice-coordenadora.

Em 1982 é aprovada em concurso para Professora Titular do Departamento de Psicologia da PUCSP, cargo que ocupou até o seu falecimento, ministrando aulas, orientando alunos e coordenando o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Atividade, Consciência, Linguagem, Pensamento e Emoção. Dentre as disciplinas ministradas, destacam-se: Psicologia da Linguagem, Problemas Filosóficos na Investigação Científica em Psicologia, Leitura Crítica em Psicologia Social: Politzer, Skinner e Leontiev, Processo Grupal, A mediação da Linguagem e das Emoções no Psiquismo Humano. Destacaram-se também as atividades que ela realizou no Laboratório do Programa de Psicologia Social para transformá-lo em um centro de debates interdisciplinares e de estudos e divulgação da Pesquisa Participante e da Psicologia Comunitária.

Durante os 34 anos de atuação na Pós-Graduação, orientou 41 dissertações de mestrado e 29 teses de doutoramento, capacitando, assim, docentes/pesquisadores para as universidades de todas as regiões brasileiras.

Paralelamente à brilhante carreira docente na PUCSP, Sílvia também ocupou os seus mais importantes cargos acadêmico-administrativos. Além dos já citados, direção da Faculdade de Psicologia (1971 a 1974), chefia do departamento de Psicologia Social (1974-77), coordenação do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social (77 a 82 e 87 a 89) e vice-coordenação (75 a 77 e 98 a 99), ocupou o cargo de diretora do Centro de Ciências Humanas (82 a 84) e, em 1984, assumiu a vice-reitoria acadêmica. Com todos esses encargos, ainda encontrou tempo para participar da Associação de professores da PUCSP (APROPUC), da qual foi uma das fundadoras e vice-presidente (76-78). A vice-reitoria foi atribulada e Sílvia desistiu em 87, antes do fim do seu mandato.

“Aconteceram algumas coisas com as quais não concordava como, por exemplo, a extinção do curso básico, o primeiro ano de formação geral, comum a todas as áreas, curso que desenvolvia o espírito crítico dos alunos. Os docentes do básico, segundo ele, eram os que mais faziam mestrado e doutorado e se dedicavam a trabalhos de equipe.”(Lane, 1998)

O contato com alunos sempre foi a grande paixão de Lane. Suas aulas eram um exercício lúdico de descoberta de relações insuspeitas, de recriação de idéias, sempre com muito respeito e profundo conhecimento da teoria analisada.

Sua atuação como docente foi especial em 68, período da ditadura militar no Brasil. Ela participou ativamente para transformar os campos de estágio, a pesquisa e a teórica em espaços de reflexão crítica e de potencialização da ação transformadora, sem perder o rigor científico. Estabelecendo, assim, uma relação dialética entre militância e pesquisa científica sem temer a vigilância do Ministério da Educação e Cultura, atento a qualquer ação de resistência, dentro do clima de opressão que culminou, naquele ano, com o ato institucional nº 5, visando sufocar todas as possibilidades de mudança.

Naquele ano, as universidades brasileiras pararam suas atividades regulares como protesto contra a ditadura. Na PUCSP, formaram-se comissões paritárias de professores e alunos para tentarem experiências novas de ensino, articulando-o às necessidades sociais, um desafio que vinha da França. Sílvia destacou-se como liderança desse processo, que impôs modificações definitivas ao currículo regular do curso e a forma de ensinar, visando a participação substancial dos alunos. Dessa forma, colaborou com o delineamento de projeto pedagógico revolucionário que marcou a sua universidade.

“1968 foi aquele bendito ano de belas experiências... Se a PUCSP é o que é hoje, isso começou em 1968”, afirma Sílvia em entrevista (Lane, 1998).

Interligando saberes nacionais e internacionais

Sua contribuição à Psicologia Social não se restringe à ação na Universidade. Ocorre também por meio da atuação em diferentes associações nacionais e internacionais de Psicologia e da criação de algumas delas. Foi membro fundador da ALAPSO (Associação Latino Americana de Psicologia) e, no Brasil, criou a Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO). Participou intensamente dos Encontros Internacionais promovidos pela Sociedade Interamericana de Psicologia (SIPI), participando dos debates sobre a necessidade da produção de um saber psicossocial latino americano, voltado às problemáticas da realidade de cada país, que culminaram no Encontro do Peru, em 1979, com a proposta de criação de associações nacionais de psicologia social. Aceitou tal desafio, também porque avaliava que a representatividade da ALAPSO estava sendo bastante questionada. Voltando ao Brasil, imediatamente, começou a trabalhar pela criação de uma associação brasileira de psicologia social

A fundação da ABRAPSO se deu no dia 10 de julho de 1980, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, como parte das atividades da 32ª reunião da Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência (SBPC). A diretoria provisória da Associação foi presidida por Lane, que ficou na presidência nacional até 1983, e foi membro ativo até a sua morte.

Também as primeiras publicações da ABRAPSO foram fruto de seu esforço. Batalhou pessoalmente para consegui-las, e contou com a colaboração do Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social da PUCSP. A primeira publicação correu em 1980, na forma de Boletim e, em janeiro de 1986, o boletim transforma-se na *Revista Psicologia e Sociedade*, de cujo comitê editorial Sílvia participou até o seu falecimento.

Para fortalecer a associação, ela participou de todos os encontros nacionais e de vários regionais,

ministrando palestras e participando de simpósios. Em retribuição, a ABRAPSO, em 1995, no seu VIII Encontro, ao comemorar 15 anos, homenageou a sua criadora, que completava 30 anos de vida dedicados à Psicologia Social brasileira. Também lhe dedicou o volume 8 (janeiro de 1996) de sua revista para registrar a sua contribuição à Psicologia Social, à ABRAPSO e à formação de pesquisadores para a maioria das universidades brasileiras.

Criada a ABRAPSO, sua mentora sente sua responsabilidade para com o conhecimento psicossocial aumentar e decide conhecer a produção de outros países. A primeira escolha recaiu sobre os EUA:

“Eu havia mandado uma correspondência para Pittsburg, um centro de documentação bibliográfica, nos EUA, que tinha de tudo em Psicologia. E recebi um convite para ir lá como professora. Naquele ano, Reagan foi eleito presidente e eu disse: não vou a um país que tem um Reagan como presidente. Ai Maria do Carmo propôs fazer um pedido ao CNPq para um intercâmbio científico com países da América latina. Eu disse: Opa, bem melhor, vamos ouvir de viva voz o que está acontecendo. Para espanto nosso, o CNPq aprovou e foi uma maratona”. (Lane, 2000 a)

A viagem pela América Latina foi realizada em 82, seguindo um roteiro que elas elaboraram, evitando países sob ditadura. “Por isso não fomos ao Chile, Argentina e Bolívia, só ao Peru, Venezuela, Colômbia, Equador, México, Cuba e Porto Rico”. (Lane, entrevista CRP. Nesses países, visitaram instituições de ensino e pesquisa, ministraram palestras, descobriram práticas e pesquisas de grande interesse e firmaram convênios de intercâmbio. Também fizeram amizades: “Lembro da Gladys Montero, no Peru, que nos apresentou todos os movimentos existentes lá. Vimos o Trabalho de Fals Borda na Colômbia e o trabalho de comunidade realizado por Elisa Jimenez em uma Maternidade de Caracas foi importante para demonstrar o processo de desenvolvimento de uma consciência social”. (Lane 1984:71)

Essa viagem é parte importante da história da Psicologia Social brasileira, pois propiciou a sua abertura ao que podemos chamar de um paradigma latino americano em sedimentação, cujo principal teórico era, na época, Martín-Baró, que depois passa a partilhar esse papel com a nossa “psicóloga da ação política”.

Sílvia conheceu esse psicólogo jesuíta no Encontro da SIPI, realizado no Peru, em 1979, e, encantada com sua preocupação em “deslindar as determinações da alienação, ou seja, a falta de controle das maiorias populares sobre sua própria existência e destino”, introduz a sua obra nos cursos que ministrava na Pós-Graduação.

“As experiências desses países demonstravam que fazíamos parte de um movimento histórico, no qual a “crise” e a crítica da Psicologia Social nos levava a procura de novas bases epistemológicas e metodológicas para as pesquisas”(Lane 1995:72).

Outra influência marcante na obra de Sílvia vem da França, de um lado os pesquisadores que, nos anos 70 e 80, criticavam a psicologia social americana e a psicanálise, produzindo reflexões teórico-metodológica sob a ótica marxista, especialmente Pecheux, Pagés e Poitou, do Laboratório de Psicologia Social de Paris VII. De outro lado havia Denise Jodelet e Moscovici, da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais da Sorbonne, criadores da teoria da Representação Social, os quais Sílvia conheceu nos encontros da SIPI. Esses a

convidaram a passar o mês de janeiro de 86 como diretora de estudos associados a referida Escola e a participar do Encontro sobre “Pensamento Científico/Pensamento Natural”, promovido pela mesma instituição. Nessa ocasião, teve a oportunidade de discutir a sua produção com esses dois importantes teóricos da Psicologia Social,:

“Eles ficaram muito interessados, considerando que nós havíamos rompido com o academicismo ainda arraigado na Europa e reforçaram a minha convicção de que esse é o caminho para uma Psicologia Social atuante”(Lane, 1984⁴).

Sílvia e Denise Jodelet ficaram grandes amigas, além de companheiras na introdução da teoria das representações sociais no Brasil e na sua constituição em uma grande escola da psicologia brasileira, teoria que Sílvia considerava ter construído uma importante categoria empírica para a Psicologia Social.

Naquela estadia, a incansável psicóloga foi convidada a participar de uma pesquisa intercultural coordenada pelo alemão Klauss Scherer, sobre o caráter sócio-cultural das emoções. Também obteve orientação de Robert Pagès, diretor do Laboratório de Paris VII para a implantação do Laboratório do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da PUCSP, pesquisadores que ela respeitava, porém, sem perder a visão crítica: “esses pesquisadores, comprometidos com uma atuação no Partido Comunista, promoveram um dogmatismo teórico, que, apesar das grandes e profundas reflexões teóricas, deixou a prática e a pesquisa quase inalterada.

Sílvia, sempre recusou o dogmatismo, afirmando que “ele é exatamente o oposto à ciência., a qual tem que questionar, entender e debater e não negar ou afirmar simplesmente em nome de uma verdade cristalizada.”

O encontro com dois psicólogos latino-americanos, que fizeram o doutoramento na Rússia, orientados por discípulos da escola soviética de psicologia foi decisivo para reforçar a forma original como Lane introduzia o materialismo histórico e dialético na Psicologia Social, escapando do reducionismo estruturalista, que levava muitas análises psicossociais, inspiradas na referida teoria, a diluir o sujeito em categorias macro-estruturais ou reduzi-lo a mero reflexo da materialidade sócio-econômica.

São eles: Mário Golder, da Universidade de Buenos Aires e Fernando Gonzalez Rey, da Universidade de Havana.

Sílvia já discutia textos dos três expoentes da referida escola, Vygotsky, Luria e Leontiev, e Rey e Golder lhe permitiram aprofundar essas leituras, apresentando-lhe textos ainda inéditos no ocidente, e fazendo críticas tanto à leitura interacionista quanto reflexológica que a obra deles recebia nos EUA e no Brasil.

“Vygotsky, Luria e Leontiev oferecem uma riqueza de análise sobre o processo de constituição do psiquismo na materialidade histórica de cada sociedade, o que não implica na perda da criatividade humana”. (Lane, 1995:56). Com essa frase, Sílvia sintetiza a importante contribuição deles ao movimento da obra laneana na direção de uma teoria que situa a análise do psiquismo humano na história e na sociedade, porém sem perder o sujeito e a sua atividade transformadora.

A OBRA

Sua obra revela essa trajetória intelectual, motivada pela extrema sensibilidade às necessidades da história e pelo respeito ao outro, por isto é uma obra em movimento. um trabalho refinado de análise e criação em cima

das reflexões dos clássicos da psicologia

Ela permite ao leitor conhecer, pelas mãos de Lane, a história da psicologia brasileira em seu processo de politização e adoção do marxismo, sem perder o rigor científico ou tornar-se dogmática.

A essência da teoria laneana é o seu sistema totalizante e dialético que tudo abarca, porém, sem perder a especificidade das singularidades. Visa a conscientização e a transformação social, trabalhando no plano da afetividade, da estética e da criatividade humana.

Publicou, aproximadamente, 56 textos e 4 livros, esses últimos aqui citados em ordem cronológica: *O que é Psicologia Social* (1981), *Psicologia Social - O Homem em Movimento* (1984), *Novas Veredas da Psicologia Social* (1995) e *Arqueologia das Emoções* (2000).

O primeiro está na 26ª edição, o que revela o alcance e repercussão da teoria laneana. Texto didático com o objetivo de demonstrar ao iniciante que toda a psicologia é social, o que significa que cada fenômeno psicológico e de natureza histórico e tem sua gênese na sociedade.

O segundo, pode ser considerado a sua principal obra. O lançamento do livro representou o surgimento de uma Psicologia Social brasileira, voltada à transformação social, tendo se tornado um clássico, referência obrigatória nas disciplinas de psicologia social e em concursos públicos. Trata-se de um compêndio organizado por Sílvia em colaboração com um de seus orientados a época, Wanderlei Codo, e contém quatro brilhantes textos da querida mestra. Neles, Sílvia critica as teorias cognitivista e behaviorista e apresenta a teoria da representação social como uma possibilidade analítica de romper com os reducionismos impostos por ambas. Também destaca, como categorias importantes da Psicologia Social, a consciência, a linguagem e a identidade, mediadas pelas categorias marxistas de ideologia e alienação. Por fim propõe duas novidades, a metodologia da Pesquisa Participante e a Psicologia Comunitária.

“A desconsideração da psicologia pelo ser humano como produto histórico-social é que a torna, se não inócua, uma ciência que reproduziu a ideologia dominante de uma sociedade, levando-a a descrever comportamentos e, baseada em frequência, tirar conclusões sobre relação causal, reduzindo-se à descrição pura e simples de comportamentos, ocorrendo em situação dadas”. Lane, 1984:12.

O livro *Novas Veredas da Psicologia*, Sílvia organizou em colaboração com outra ex-orientanda, Bader Sawaia, para apresentar os avanços da teoria laneana, desde a publicação do livro de 84, proporcionados pelos resultados de pesquisas e pela influência da teoria de Vygotsky, de Agness Heller e de Wallon.

Nos três textos de sua autoria, Sílvia reafirma que o objeto da Psicologia Social é o homem no conjunto das relações sociais, naquilo que lhe é específico e de sua criação como naquilo que é manifestação grupal e social; apresenta a emoção como uma categoria analítica central da análise e desenvolvimento da consciência e à constituição do psiquismo. Aplica, na plenitude a proposição de Vygotsky de que “a transformação social é ato ético e estético” (...) “e que a Psicologia pode e deve contribuir para que as pessoas se tornem sujeitos de sua história, compreendendo que essa história não é individual, mas social” (Lane, 1995).

Arqueologia das emoções foi o último livro que ela organizou, junto com Yara Araujo Ele revela o

interesse crescente de Sílvia pela imaginação e pela criatividade artística, e de como ambas estão na base da utopia e, portanto, das revoluções. Seu objetivo, em todos os três textos de sua autoria, é esmiuçar o papel das emoções nos processos criativos e na formação de valores, usando a teoria vigotskiana de arte. Em um deles, ela analisa, especificamente, os “códigos emocionais que as instituições desenvolvem, nem sempre percebidos, mas muito eficazes para intervir na vida das pessoas”, e de como a estética pode possibilitar a libertação do pensar, do sentir e do agir.

Provavelmente, seu próximo livro seria sobre a pesquisa que estava realizando, junto com outra ex-orientada, Maria Helena Coelho e com o filósofo Marlito Souza Lima sobre emoções e mitos entre os xavantes. Sílvia estava muito entusiasmada com essa pesquisa, dizendo-me, uma semana antes de sua morte, que ela certamente traria respostas às inúmeras indagações que ainda nós tínhamos sobre a função da afetividade na ação ético-política.

Para concluir, é importante ressaltar que Sílvia, certamente, ficaria muito decepcionada se todos esses conhecimentos que nos ofereceu fossem apenas repetidos e reproduzidos, sem o olhar crítico e a atitude criativa que ela sempre priorizou como condições indispensáveis à produção do conhecimento. O carinho e a atenção que dedicava aos seus orientandos, o amor à pesquisa e ao avanço do conhecimento nunca esmoreceram. Um dia antes de sua morte, já no hospital, a dor física não impediu que ela continuasse orientando seus alunos e recomendando ações e diretrizes para a sua pesquisa, bem como planejando a elaboração de um novo texto.

A melhor forma de homenageá-la é, portanto, pesquisando e estudando para continuarmos, dentro de nossas possibilidades, atualizando a sua importante obra, à luz das necessidades colocadas pelo movimento da história.

Referência Bibliográfica

- SAWAIA, B. (2002) *Sílvia Lane. Coleção Pioneiros da Psicologia Brasileira*, Vol 8. R.J./Imago Editora/, Conselho federal de Psicologia
- COELHO, M.H. (2002) O Olhar Sobre Si. in Sawaia, B. *Sílvia Lane. Coleção Pioneiros da Psicologia Brasileira*, Vol 8. R.J./Imago Editora/, Conselho federal de Psicologia
- LANE, S.T.M. (1984 a). Relato de Viagem: a ida a Paris. In Boletim da ABRAPSO, ano II, n. 09, out.
- _____, S.T.M. (1998). Entrevista concedida a Bock, Lia M. e Santos, Lívia M. Demarchi. in Fluxo, São Paulo, v.2, n.2, pp75-82, ago.
- _____, S.T.M. (1996). Entrevista concedida a Ciampa, A.C, Ardans, O. e Satow, S. In Psicologia e Sociedade Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social- ABRAPSO, v.8, n1 jan/jun1996.
- _____, S.T.M. (2000a) Entrevista concedida a Guedes, M.C., Sawaia, B.B., Ciampa, A.C., ANTUNES, M.A. In PSI - Jornal de psicologia, CRP-SP, maio/jun, 2000.
- Psicologia Social - O Homem em movimento* - organização Prof. Wanderley Codo. São Paulo. Brasiliense, 14ª/1995.
- Novas Veredas da Psicologia Social*, org. em colab. Bader B. Sawaia. São Paulo: EDUC e Brasiliense, 1995
- Arqueologia das Emoções*, org. em col. Araujo, Y. Ed. Vozes, Petrópolis, 2000.

Professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
E-mail: pssocial@pucsp.br